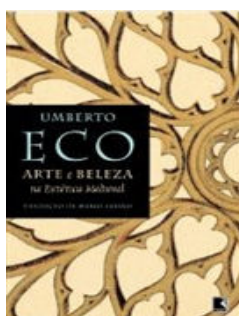


ECO, Umberto. *Arte e beleza na estética medieval*. Tradução de Mario Sabino Filho. Rio de Janeiro: Record, 2010, 351 pp. ISBN 978-85-01-08141-4.

Por Maria Eugenia Bertarelli<sup>1</sup> – *Universidade Federal Fluminense*



Umberto Eco é reconhecido no Brasil especialmente por ter escrito o romance, que se tornou clássico, *O Nome da Rosa*. A narrativa, ambientada num mosteiro medieval, aborda alguns temas exemplares da cultura ocidental europeia dos séculos XIII e XIV e deixa entrever a erudição do autor acerca deste encantador período da história. Embora tenha se destacado entre os leitores brasileiros como romancista - gênero no qual ainda publicou, entre outros, *O pêndulo de Foucault* e *Baudulino*, também ambientado na Idade Média –, Umberto Eco é reconhecido estudioso de teoria literária, lingüística, filosofia e história da cultura ocidental, sendo titular da cadeira de Semiótica e diretor da Escola Superior de Ciências Humanas da Universidade de Bolonha.

No livro *Arte e beleza na estética medieval*, lançado no Brasil em 2010 pela Editora Record, Umberto Eco aborda temas centrais da filosofia estética na Idade Média latina, compreendida entre os séculos VI e XV. Nesta obra o autor busca fazer um compêndio de história das teorias que envolvem o pensamento estético. Em virtude disso, como ele mesmo define, não se trata de uma pesquisa com pretensões de originalidade. O livro é o resultado de uma vasta investigação

---

<sup>1</sup> Doutora em História Medieval pela Universidade Federal Fluminense.

das teorias estéticas através do pensamento de filósofos e sábios da Idade Média, em que Santo Tomás de Aquino assume um papel privilegiado. O livro aspira ser acessível mesmo a quem não é especialista em filosofia medieval e, deste modo, não se trata de um livro voltado exclusivamente para o público acadêmico, embora seja uma tarefa um tanto árdua, posto que os temas abordados envolvem uma linguagem hermética atravessada por conceitos ligados àquele contexto histórico.

Por se tratar de um compêndio de história, Umberto Eco buscou “oferecer uma imagem de uma época, não uma contribuição filosófica à definição contemporânea de estética, de seus problemas e soluções”<sup>2</sup>. Para este fim, o autor abriu mão de uma ordem cronológica, preferindo organizar os doze capítulos que constituem a obra por assuntos, privilegiando os temas estéticos compreendidos em sua dimensão transcendental e os temas ligados ao desenvolvimento da *ars* medieval e a estética do organismo. Ainda, o estudo trata especificamente dos problemas da cultura latina e, em virtude disso, toca apenas tangencialmente alguns poetas que escreveram em língua vernácula, como os trovadores ou os stilnovistas da península itálica.

A partir do primeiro capítulo o leitor é apresentado à sensibilidade do homem medieval. Segundo Umberto Eco, a produção artística da Antiguidade clássica fundamentou-se num olhar sobre a natureza, enquanto os medievais se inspiraram na observação dos antigos. Entretanto, a sensibilidade estética na Idade Média não é o fruto apenas da *imitatio* da cultura antiga e, neste sentido, o autor defende sua indiscutível originalidade. A inspiração clássica insere-se numa percepção do mundo como reflexo da transcendência aliada a uma tendência de fruição do belo, que caracterizam a perspectiva medieval. Deste modo, penetra-se na sensibilidade do medievo a partir da junção das extremidades deste arco que une uma concepção da beleza puramente inteligível, do esplendor metafísico, e uma ornamentação estética, onde há um transbordamento da luz, num harmônico equilíbrio das proporções.

As teorias do belo físico e metafísico ganham sentido no interior da representação simbólica do mundo, própria da Idade Média. Umberto Eco aborda a perspectiva alegórica e o simbolismo de uma cultura permeada pelo

---

<sup>2</sup> Cfr. ECO, U. *Arte e beleza na estética medieval*. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 10.

sagrado, que ordena e dá sentido à sociedade medieval. Um mundo povoado de significados, no qual Deus se manifesta em todas as coisas sensíveis. Neste sentido, a teologia tomista torna-se central para esclarecer a capacidade filosófica do homem medieval de, através do conhecimento, apreender a natureza manifesta de Deus. Em virtude disso, o autor dedica especialmente um capítulo ao pensamento tomista, onde o leitor é apresentado à filosofia escolástica através de uma linguagem clara e simplificada.

Aquele que não possui um conhecimento prévio de filosofia estética e deseja se aproximar do universo medieval certamente encontra na obra de Umberto Eco um bom incentivo, embora a leitura exija considerável esforço por tratar de um mundo que compreende a beleza e a arte de forma bem distinta daquela contemporânea. Para o homem da Idade Média o artista ou a obra de arte não possuíam um valor em si mesmo, como ocorre nos dias atuais, mas representavam a *ars* do artífice que dá forma as realidades intangíveis do Intelecto Puro.

Todavia, a Idade Média, de acordo com o autor, não produziu um pensamento estético “monolítico”. Foi precisamente a diferenciação ao longo dos séculos aquilo que ele buscou abordar neste livro. Partindo de uma estética pitagórica do número, vista como reação à desordem do período das invasões, passando por uma estética humanista, atenta às belezas transmitidas pela antiguidade, própria do mundo carolíngio chega-se ao pensamento escolástico, doutrina de um Estado universal católico “do qual as *Summae* são a constituição, as catedrais são a enciclopédia e a universidade de Paris é a capital”<sup>3</sup>.

Felizmente não há problemas com a tradução de Mario Sabino, que consideraria cuidadosa. E, aquilo que irá causar bastante alegria ao público não especializado, as citações em latim - e não são poucas - estão todas traduzidas.

*Arte e beleza na estética medieval* oferece uma oportunidade para aquele que deseja se aproximar das teorias estéticas da Idade Média e de um mundo permeado pelas manifestações sensíveis da graça divina, do qual a catedral gótica, a poesia sacra ou as iluminuras decoradas com ouro são alguns exemplos de pura beleza.

---

<sup>3</sup> *Op. cit.*, p. 303.